

Stadium

N.º 291

30 de Junho de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



O Grupo Desportivo Estoril Praia, 4.º classificado no campeonato nacional de futebol, teve admirável comportamento. Foi bom adversário dos 3 primeiros, fez o mesmo número de pontos do F. C. do Porto, mas batendo os nortenhos por «goal-averagem»



Eis a valorosa equipa do Atlético Clube de Portugal, 6.º classificado no campeonato máximo. Colocou-se à frente dum bloco valoroso, e teve a honra de embarçar o trabalho dos mais fortes. O Atlético foi sempre um adversário da melhor categoria

O SPORTING e o BELENENSES

vencedores do BENFICA e do BARREIRENSE

jogam domingo próximo, no Estádio Nacional, o desafio decisivo

Crónica de RODRIGUES TELES

VAMOS assistir a uma final Sporting-Belenenses. Todos as dúvidas desapareceram depois da última jornada, em que tombaram as equipas do Benfica e do Barreirense, a primeira no luto contra o seu rival de sempre, a segunda batendo-se contra equipa prontocladamente mais forte.

Feita a selecção, só dars equipas tem agora a «T» no seu elemento. E não há dúvida alguma sobre o valor da final, pois a carreira do Belenenses tem sido agora animosa, e sobre a do Sporting não há lugar para dúvidas...

Não tem sido possível aos grupos de outras esferas chegar ao jogo definitivo. O Barreirense fez ainda uma tentativa, mas o sorteio afastou-o dos ares da sua terra — e «entregou-se» no campo das Salésias. Assim, teremos todos de assistir a nova final «lisboeta», o que corresponde, evidentemente, a vitória indiscutível da capital. A proeza da Associação Académica de Coimbra, há anos, ganhando bruscamente o troféu no campo benficense, merece a nossa recordação e a nossa simpatia.

Então, alguma coisa de novo se passa no futebol português...

MAIS um Sporting-Benfica. E como sempre sucede, novo campo cheio, pois os adeptos de *leões* e encarnados mostram-se insaciáveis, gostando do prato, repetindo-o quantas vezes forem necessárias, — amanhã mesmo se for preciso.

O desafio do Estádio de «José Alvalade», entretanto, talvez pudesse agrandar por completo se o Benfica se não mostrasse «inocente» dentro da área de remate. Se tem marcado dentro do período em que teve melhor organização colectiva, e ocasiões não lhe faltaram, veríamos o Sporting obrigado a um andamento mais vivo, embora durante os 45 minutos finais toda a equipa vencedora fizesse prova segura do seu bom apetrechamento físico.

A formação benfiquista «caçoa» mais cedo. E por que ao seu ataque faltasse nervos, ideia de infiltração, atrevimento, poder de remate, tornou-se mais notada a quebra, explorada pacientemente pelo vencedor.

Para mais, o Sporting abriu o activo quando os adversários jogavam sem António Maria, que abandonou o campo por 3 minu-

tos, embaraçado com qualquer indisposição de momento. Foi o bostante! Francisco Ferreira estava por certo a pensar no acidente quando Peiroteo aplicou o golpe mortal, atirando com toda a força dos seus pés duros, uma bola que Pinto Machado não pôde evitar.

Se a oportunidade não tivesse aparecido, teria o Sporting o deslho «nas mãos»? Recordando as lutas do ataque encarnado, tão visíveis e já an tidas, e vendo ainda como Albano fez um tento «bárbaro», o segundo, deveria esperar-se que o grupo leonino chegasse onde queria mais cedo ou mais tarde.

O andamento vital dos *leões* começa no primeiro minuto da segunda parte. Os extremos e o avançado-centro pareciam motorizados, deixando por o lentidão de Travaços e de Vasques, e também que a resistência da equipa, sem uma única excepção, feria a sua prova na altura própria.

Assim foi. O desgaste na formação encarnada foi tomando vulto, de parçaria com todos os defensores que estiveram ao de cima no primeiro tempo, e ao segundo e magistral ponto de Albano — todos as ilusões desapareceram. Este ponto do endiabrado extremo-esquerdo sportingista entra no rol dos mais célebres da sua carreira. É um golo que fastiga os nervos do próprio adversário, deixando-o atordoado, verdadeiramente K. O. I

Depois, o 3.º e último ponto do Sporting foi fácil.

Se o acidente de António Maria não tivesse aparecido e o Sporting principiase a sua vitória com o remate portentoso de Albano, diríamos já e sem reticências que nenhum strito pode oppor-se ao resultado. Claro que também chegaríamos indo por outro caminho, a igual solução. O disco sobre a falta de coacção e de pés afinados na frente benfiquista acabaria por se tornar enfadonho ou por nos conduzir a um campo mais prático: — o de aferir a capacidade geral das equipas pelo número de bolas que faz entrar na baliza adversária, segura indicação do seu rasgo e da sua competência.

Logo, venceu a equipa mais bem preparada para o jogo, a mais forte dos dois, seja qual for o ângulo de apreciação crítica em que se coloque o observador.

PODE explicar-se a inferioridade revelada pelo Benfica ao pisar a grande área leonina? Atacaremos a tese. O erro principal: — colocar Rogério de novo a extremo-esquerdo, sabendo-se que tem sido normalmente derrotado por Cardoso. Há muitos casos destes no futebol: — jogadores que sendo bons (e Rogério é sem dúvida um grande jogador) não se exibem com alegria contra determinados adversários. Cardoso, em tempos,

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.ª
Telefone, 31187 - LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA
—
REPRODUÇÃO LIMITADA
SILVAS LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

tinha dificuldades perante Catolino, que nunca foi da classe de Rogério. João Cruz, inferiorizava-se extraordinariamente junto ao falecido José Simões. Artur Soane, não era o mesmo quando enfrentava Amaro. E por aqui fora.

Mas além da pouca sorte de Rogério, temos de vincar também a demorada «inocência» de Meião e de Coronas, que se entregaram a «bonitos», exagerando tudo, desde o passe ao remate. As aversões do Benfica nasceram e morriam num repente, embora vistosas, tentando o público. Simplesmente — o êxito de um resultado não está de modo nenhum dentro de nichos. É preciso marcar golos!

TEMOS falado bastante do vencido, quando o jogo teve um bom vencedor.

Essa verdade não pode esquecer-se, e ainda mais porque os avançados do Sporting remataram sempre em condições penosas para Pinto Machado e Azevedo só uma ou duas vezes se via em perigo. A defesa leonina também esteve à altura da equipa, especialmente Manuel Marques e Juvenal. Canário foi o melhor alimentador da frente e Veríssimo «travou» muitas vezes a marcha dos encarnados.

UM «salto» até às Salésias, onde o Belenenses ganhou a entrada no final.

Dissemos há uma semana que o Barreirense não impressionaria pela sua exibição contra o Marítimo, em boa dispoção de animosa defesa, espírito de luta, e no domingo via a crítica que era mais ou menos assim. Os belenenses, tendo metido muita gente nova na linha da frente, rapazes que ainda há pouco calcavam as botas nos janiores, chegaram a 5-0 e sofreram um golo devido a intervenção desafortunada de Vasco.

Para os donos da casa, o jogo não teve complicações. O Barreirense latou o melhor possível nos primeiros 45 minutos da partida, mas quando o adversário meteu «prego a lardo», no prosseguimento do encontro, deixaram de pensar seriamente na vitória.

Agora — uns dias mais e ver-se-á a quem cabe a «Taça». Sporting e Belenenses, no actual momento, devem possuir os melhores grupos. E como nos interessa muito ver bom futebol, oxalá o que se diz e se escreve não sofram desmentido. — R. T.

SEPARATAS

a côres

do SPORTING e do BENFICA

Sai a primeira no próximo número
(7 de Julho)

O preço da Revista não sofre aumento — Esc. 2\$50

Aos nossos Agentes pedimos que nos indiquem com a devida antecedência a quantidade de exemplares que desejam.

Os particulares devem fazer os seus pedidos acompanhados do custo da Revista.

OUQUEI EM CAMPO

CONCLUIU-SE no pretérito domingo o 24.º campeonato de Lisboa. E, como estava previsto, o Benfica, derrotando novamente o Futebol Benfica, foi o vencedor do torneio. Com inteiro merecimento, diga-se, porque a sua equipa era realmente a mais bem apetrechada do pequeno núcleo de participantes. Em oito desafios — apenas um empate (1-1) consentido ao Atlético; no resto, tudo vitórias, com 15-2. O Futebol Benfica apenas sofreu dois golos... em outras tantas derrotas por 0-1 contra o Benfica! Eis a classificação: Benfica, 23 pontos e 16-3; Futebol Benfica, 19 e 10-2; Atlético, 16 e 9-5; Belenenses, 14 e 7-8; Hoquel, 7 (1 falta) e 0-24.

♦ Para o campeonato de reservas é favorito o Futebol Benfica... mas precisa de não perder com o Atlético! O Benfica, porém, ainda não disse a última palavra, podendo também vir a ser o campeão.

OUQUEI EM PATINS

Principlou a segunda volta — para os da 2.ª divisão — registando-se triunfos do Campo de Ourique (7-0 ao Hoquel) e do Paredo (3-2 ao Ateneu) a confirmarem resultados anteriores. Em Setúbal, o Naval permitiu o empate de 1-1 ao Cuf do Barreiro, quando, «fora de casa», ganhou por 3-1. Os ouriquenses, com 16 pontos e 43-12, parecem candidatos «quase certos» ao título — mas o Paredo (26-13) tem apenas menos dois pontos! Em 2.ª categoria, o Ateneu (12 pontos e 24-4) apresenta-se com mais possibilidades, mas o Campo de Ourique espelha a primeira escorregadela...

♦ O torneio da 1.ª divisão prossegue hoje. Jogam Ligas e Cascais. Depois, a 6 de Julho, defrontam-se Paço de Arcos e Hoquel de Sintra. A prova, se não surgirem contrariedades, deve estar concluída no dia 9 de Agosto.

♦ A homenagem que no Porto foi prestada aos Campeões do Mundo revestiu-se de grande significado; e aos valerosos vencedores do torneio de Montreux foram atribuídos medalhas do Município. Várias prendas

DESSPORTOS DO «STICK»

receberam ainda os campeões. O programa das festas no Palácio de Cristal constou de patinagem artística — com a colaboração de Edite, de Maria Antónia e da belga Armand Van Aeken — e de três desafios de oquei: — Infante de Sagres-Vigoreza, 2-0, em juniores; selecções portuguesas de aquém Douro e além-Douro, 5-5; Equipa Nacional (Emídio, Raio, Sidónio, Olivério, Soares e Ribeiro) — Misto Porto-Lisboa (Cipriano, Brito, Fernandes, Figueiredo, Polónia e Santiago), 4-3.

♦ José de Castilho, presidente da A. P. Sul, pediu a sua demissão.

Dizem-nos que Filipe Moreira lhe seguiu o exemplo! Que haverá? E' pena que tivessem de chegar a tal apuro, pois são dois dirigentes a quem a modalidade algo deve, apesar de estarem há pouco tempo ainda nas «cadeiras do poder». Mas como parece que ao oquei em patins lançaram «máu olhado» — é conveniente aguardar o desenrolar dos acontecimentos.

♦ Foram interditados os recintos do Benfica e do Paredo, respectivamente, por quatro a três meses, e agravados os castigos a Sanches (dois

meses de suspensão), Alves Prôa (três), Jorgelino, J. A. Santos Carvalho, Sidónio e Saúl (um) e Mendes (quatro meses). Todos estes agravamentos e aquelas interdições foram sentenciados pela D. G. D.

♦ Diz-se que os irmão Serpas e Cipriano, Campeões do Mundo, abandonam este ano a actividade; e até se diz mais — que Sidónio não voltará a jogar!!! Que haverá de verdade em todos estes «rumores malignos»?

Jorge Monteiro

Patinagem artística

CONTINUAM com entusiasmo as aulas de patinagem artística no Pavilhão dos Desportos. E é notável, refira-se, o progresso dos nossos praticantes. Mas lições tomam parte, em média, 15 alunos por sessão. Mas as inscrições são em número de 31. E' pouco. Mas pode ser um bom prenúncio de interesse. Parabéns à insinuante Fernanda Van Aken e ao professor seu acolito.

♦ Realizou-se, com bom aproveitamento, a primeira competição oficial de patinagem artística promovida pela F. P. P. As classificações de conjunto — e por que não em separado: meninas e rapazes? — foram: 1.º Mário Sampaio, Benfica, 25, 2 pontos; 2.º Edite Cruz, Benfica, 24, 9; 3.ª Maria Antónia de Vasconcelos, 24, 6; 4.º Carlos Nagy, Futebol Benfica, 23, 3; 5.ª Maria Elvira Braga, Hoquel C. P., 20, 7; 6.º Luís Nagy, Hoquel C. P., 2. Estas pontuações são verdadeiramente curiosas — até se tivermos em consideração que os próprios professores foram chamados a julgar os seus discípulos numa prova pública em que

deviam ser simples espectadores... Faz pena saber-se que a nossa pobreza de técnicos (?) é de tal modo que se tornou necessário, para compor um júri, o auxílio de estrangeiros contratados para outra missão! Havemos de voltar ao assunto.

♦ Em Barcelona disputou-se a 1.ª Grande Prova Internacional de Patinagem Artística. Estiveram presentes, além dos melhores especialistas do país vizinho, as italianas Franca Rio, Leda Polli e Franca Grinaldi, a suíça Marguerite Kaet e os nossos conhecidos pares Elvire Collins-Fernand Leeman's (belgas), Ursula Wehrli-Karl Petter (suíças) e Jean Phekean-Kenneth Fyrrnes (ingleses). Como os leitores devem estar lembrados, Elvire e Leemans, em pares, e Ursula, individualmente, ganharam os últimos campeonatos do Mundo. — J. M.



FERNANDA VAN AKEN, exímia patinadora, que tem dado lições no nosso país

ATLETISMO

Nos Nacionais de Juniores

o Benfica provou enorme superioridade

EM virtude da abstenção dos clubes portugueses, os campeonatos nacionais de juniores foram uma réplica do torneio regional com a correção de alguns resultados, a qual reafirmou com a maior clareza a grande superioridade do Benfica em novos elementos da categoria.

O clube deu prova evidente de possuir uma equipa mais completa, mais numerosa e com unidades de melhor classe, o que corresponde a supremacia absoluta e dá jás ao triunfo meritório e merecido que alcançou.

Somando quase tantos pontos como os adversários em conjunto, apossando-se de dez títulos (no conjunto das corridas só perdeu duas estafetas) em dezassete provas, o S. L. B. encerrou com chave de ouro a primeira fase da temporada de pista de 1948.

A organização dos campeonatos foi excelente, — não nos repugna dizer

perfeita — e se não fora o calor excessivo no domingo, porque a força das circunstâncias obrigou a celebrar as provas a uma hora imprópria, teríamos registado um conjunto de resultados sensacionais.

No sábado foram melhorados três recordes nacionais da categoria (peso, 1.000 metros pelos três primeiros corredores chegados e estafeta 3x300 metros por duas equipas) e no conjunto, em relação aos nacionais foram superiores sete marcas, igual uma e inferior as restantes.

Só cinco campeões regionais conseguiram dobrar o seu título: Guedelhas nos 3.000 metros, Noronha Feio e Gabriel Dorez nos saltos em altura e à vara, Cortes de Moraes no lançamento do disco e o Sporting na estafeta 3x300 metros.

Nas provas de velocidade, ausente José Paula que se lesionara nos regionais, a vitória pendeu para Pais

(Continua na página 15)





Fernandes é enérgico nas entradas. Aqui se vê uma prova desta nossa afirmação

FERNANDES

O SEGURO defesa do BENFICA

quívamos, pretendemos agora conhecer preferências e opiniões.

Enveredamos, portanto por caminho diferente.

— Quais os seus colegas de equipa que mais admira?

— Todos são dignos de admiração pelo muito que provam de dedicação ao clube que defendem. É claro que há um — e os outros não levam a mal a minha afirmação — que se revela em caso excepcional nesse capítulo. É Francisco Ferreira. Mas a verdade é que os restantes fazem por seguir o exemplo que ele nos dá. Todos são benfiquistas. Admiro, portanto, como benfiquista que sou.

— Dos jogadores de outras épocas, quais admirava mais?

— Aquela em que ganhámos ao Sporting, na final do campeonato de Lisboa, em júniores...

— E «tárd» triste?

— Também, sim! Foi quando joguei no Estádio Nacional, pela primeira vez na categoria de honra. Defrontámos o Atlético, para a «Taça de Portugal» e perdemos por 3-2. Foi um dia bastante chazento para mim.

— Gosta do posto que ocupa na equipa?

— Gosto. Mas confesso-lhe que também me seduzia ser avançado. Queria marcar golos.

— Acha que a posição alcançada no Campeonato está conforme ao valor da sua equipa?

Fernandes tem uma ligeira hesitação, mas diz-nos logo de seguida:

— Um segundo lugar, em igualdade de pontos com o campeão, não creio que seja motivo para desânimo. Entretanto, um pouco de menos asar nalgumas partidas disputadas e com a possibilidade de termos contado sempre com a equipa completa, teriam contribuído para que alcançassemos aquilo que merecíamos...

— Ficou satisfeito por ter sido chamado aos treinos da selecção.

— Mentia se lhe dissesse que não. Mas mentia igualmente se afirmasse que contava com a «internacionalização» na presente época. Não sou vaidoso, pelo que reconheço ser demasiadamente cedo para pensar em tirar o lugar aos que o têm ocupado com brilho. É claro que também não sou tão modesto que lhe diga que me sinto inferiorizado ao confronto com outros. Mas tudo tem o seu momento próprio e eu ainda estou novo.

— E por aqui nos quedámos, crentes de que o Fernandes cumpriria o que afirma.

— Valor não lhe falta. Juventude, brio e espírito combativo, também não. E desta massa é que eles se fazem.

Aguardemos, entretanto.

Rosa de Motos



Fernandes em luta! A sua ener-

FUI no campo do Sporting da Penha — um pedaço de terreno que o camarello municipal já fez desaparecer do chamado Vale Escuro, ao Alto de São João — que o Fernandes começou a ensaiar possibilidades. Disseram-lhe que tinha «geito». Que poderia ser alguém no tutebol, se tivesse quem o encaminhasse. Ele ouviu... e gostou, claro! Até porque era esse o seu maior desejo.

Ser alguém na bola... Mas como? O clube de que ele, então, era simpático, não poderia dar-lhe o ensejo para se evidenciar.

O Fernandes bem sentia essa impossibilidade. Mas como venceria?

E foi, então, que lhe surgiu a ideia de ir ao Benfica. Sim! Iria lá! Dizia que queria jogar, afirmar-se, vestir aquela camisola rubra que o fascinava, em que ele nunca ousara pensar — porque era um sonho demasiado intangível para o seu cérebro de jogador incipiente.

E foi! Surgiu um dia num treino, a pedir que o deixassem experimentar também. Ia começar a época de 1943/44, e o treinador do popular clube «encarnado» não teve dúvida em reconhecer o que já outros afirmavam: o rapaz tinha «planta» tinha «geito». Por isso o tomou à sua conta, para fazer dele alguém.

E começou, então, a história desportiva do Joaquim Fernandes da Silva, um produto benfiquista que em quatro épocas passou dos júniores para o primeiro «team». E não pulou mais depressa, por causa da idade.

Começou por ser, no mesmo ano, Campeão de Lisboa e de Portugal. O melhor que poderia ambicionar, para infelice de carreira. Depois... foi subindo sempre até que o convocaram para os treinos da Selecção. Mas deixemos que seja ele a contar:

— Na época de 1945/46 alinhei na segunda categoria e na «reserva», depois de dois anos nos júniores, à espera que a idade me deixasse subir.

— Com que idade começou, então?

— A jogar oficialmente, foi aos dezasseis, no Benfica. Mas já antes disso, com dezasseis, alinhei na primeira categoria do Penha, que foi o primeiro clube que representei, embora se trate dum dos chamados clubes populares.

— Há quanto tempo alinha na categoria de honra?

— Definitivamente, desde a época em curso, mas já na anterior fiz bastantes encontros, alternando com a «reserva», além dum jogo logo na primeira época em que não joguei nos júniores.



— Está satisfeito por jogar no Benfica?

— Estou. Além de ser o clube com que simpatizo, desde sempre, há nele qualquer coisa de inexplicável que nos atrai para a sua camisola. Para melhor lhe dizer quanto me sinto feliz por alinhar no meu clube, sintetizo tudo nesta certeza: se não fosse do Benfica, só teria uma ambição: representar o Benfica! Há um elo que nos amarra à «benfiquite», é a esplêndida camaradagem entre os jogadores que o representam. Só isso, basta, para que nos sintamos satisfeitos.

Recolhidos os elementos que ar-

— Vítor Silva foi o meu ídolo de garoto. Ve-lo jogar era a minha maior alegria, o prazer melhor que me podiam dar.

E dos de agora, quais os que mais gosta de ver jogar?

— Francisco Ferreira, Rogério Carvalho, Azevedo, Araújo e Amaro, formam um grupo aparte no escol dos futebolistas que ainda pisam os nossos campos.

— Qual o extremo que lhe dá mais «trabalho»?

— Jesus Correia sem dúvida alguma.

— A propósito de tardes: qual a de mais gratas recordações para si?

TAL como acontece com Emídio Pinto, também António Raio é um produto-1948; isto é: — internacional do ano em curso! Mas já dois anos antes, em Abril de 1946, havia sido escolhido, com Rui Pedrosa, para suplente da equipa que foi a Montreux disputar a Taça da Europa, primeira grande competição de hóquei em patins do pós-guerra. Entretanto, antes da sua estreia como internacional, que se verificou em Madrid (III Portugal-Espanha) na inolvidável terça-feira do Entrudo de 1948 (a 10 de Fevereiro) — desfilou esse de triste memória, pois perdemos, por 0-5, nas condições desastrosas que são do conhecimento geral — já o sintreense tinha sido seleccionado para duas partidas Norte-Sul (1.ª e 4.ª) e para o I Lisboa-Antuerpia. E havia ido a Espanha com o Hóquei de Sintra. Não é, por conseguinte, um novo... Embora também não seja velho, porquanto, tendo nascido em 15 de Março de 1923, conta precisamente 25 anos de idade.

António de Jesus Raio Junior é natural de Sintra e um dos sócios fundadores do Hóquei Clube da cidade e maneirinha vila — que Byron tão bem soube contar em estrofes de sabor inconfundível. E é também um dos poucos que ainda jogam — pois simplesmente, do seu tempo, se conservam em actividade Cipriano Santos, Carlos Carvalho, José Pires e Jaime Cardoso, este último alinhando nas categorias subalternas do H. C. de Sintra. Todos eles, porém, com a mesmíssima devoção e igual entusiasmo da primeira hora. Mas, importa referir es e pormenor, o defesa da equipa dos campeões do mundo é um praticante... antigo da patinagem — que cultivava desde os nove anos! E foi até o professor dos seus primeiros companheiros, de parceria com Artur Talagão e Rui Pimentel, este, como ele, ao tempo filiado na Mocidade Portuguesa. Já vão decorridos quase dez anos...

Como principiou António Raio a criar gosto pela patinagem? A «chis-tória» é realmente interessante e merece divulgar-se. Tinha então nove anos de idade e acabara de fazer o exame de instrução primária. O pai, como prêmio, lembrou-se de oferecer-lhe um par de patins! Ficou radiante — e, sem que ninguém lho ensinasse, nada tímido, afoitou-se um dia a cálcá-lo e... e... começou então a... deslizar! Escolheu para «campo de operações» o vasto largo do Paço — com auxílio comum da rapaziada da sua idade! Troçavam dele, mas ele não se impressionava, prosseguiu gozadamente e devotadamente na sua tarefa. E certo que deu alguns tremulhões; mas as quedas até lhe sabiam bem... Eram talvez um estímulo! E foram-no, realmente, porque a breve trecho estava um patinador emérito. Assim triunfou o pequeno António. Hoje — que é campeão do Mundo — bem diz a bela ideia que seu pai teve de lhe comprar uns simples e inofensivos patins — primórdio da sua glória desportiva.

Mas como era rapaz de iniciativa, António Raio, mais tarde, soube aproveitar a oportunidade para criar e fomentar uma grande obra: — o Hóquei Clube de Sintra! Um dia — tendo entretanto ensinado a patinar outros seus companheiros de folgado — veio-lhe à ideia fundar uma colectividade... para entretenimento e desvanço de uns quantos nos momentos de ócio. Disse-o aos amigos. E em breve estava realizado o «sonho»! Que hoje, acentua-se, é uma triunfante realidade. Primeiramente, aquilo foi uma simples brincadeira, mas depois interessaram-se outras pessoas. Até a própria Câmara Municipal. E o comércio e a indústria locais. Fernando Adrião, a quem fora pedida ajuda, na qualidade de

QUER CONHECER OS Campeões do MUNDO? VIII-ANTONIO RAI0

treinador da patinagem e do hóquei, acedeu de bom grado. E então a linda vila de Sintra passou a contar com mais uma colectividade desportiva — com o seu único clube especializado de hóquei em patins.

No ano de 1940 — há oito anos, portanto, tantos quantos conta o grémio sintreense — principiou António Raio a praticar hóquei em patins oficialmente. O seu posto era a médio pois só mais tarde, pela saída de Talagão, passou a defesa — lugar em que se internacionalizou. Com cinco anos, simplesmente, de praticante nas lidas hóqueístas, conquistou o seu primeiro grande triunfo: — o H. C. de Sintra foi vencedor da Taça de Honra, tendo batido, num final memorável, o então Paço de Arcos H. C., hoje G. D. Paço de Arcos, por 1-0. Nesse torneio, os sintreenses, com 20 golos marcados e 7 consentidos, em cinco desafios, nem sequer conheceram a derrota! Foi esse mesmo ano de 1940 o de spogueu para António Raio — pois que, além de ter ganho aquele trofeu e estar à beirinha de ser campeão nacional, foi pela primeira vez seleccionado pelas turmas do Sul.

A estreia internacional do mais moderno defesa da equipa de Portugal — sucessor de António Adão, Jorge Evaristo, José Prazeres, Álvaro Lopes, António Bernardino e António Henriques, tantos foram os jogadores que alinharam naquele posto — verificou-se, conforme já acentuámos, na memorável e inolvidável partida de Madrid, contra a Espanha na última terça-feira de Entrudo. Foi a primeira derrota que António Raio sofreu em desafios internacionais! Porquanto, nos seguintes, em Montreux, para o IV campeonato do Mundo e XIV da Europa, aparte a derrota da Inglaterra, somente registou triunfos: em 24 de Março, contra Bélgica, por 10-0; no dia seguinte, com a Suíça, por 5-4; a 26, contra Egito, por 13-0; em 27, contra Holanda (15-0) e França (6-0); a 28, contra a Espanha (3-1) e Itália (3-1). No último dia, porém, nova derrota: 1-2 contra a Inglaterra. Quer dizer: em nove jogos (III e IV Portugal-Espanha, XII Portugal-Bélgica, XII Portugal-Suíça, XI Portugal-França, X Portugal-Inglaterra, X Portugal-Itália, I Portugal-Egito e I Portugal-Holanda) apenas duas

derrotas — no desfilio de estreia e na última (?) partida disputada... António Raio tomou ainda parte nos seguintes encontros inter-regiões: I Norte-Sul (7-4) em Santo Amaro de Oeiras a 18 de Agosto de 1945; IV Norte-Sul (4-2) em Lisboa a 8 de Novembro de 1947; I Lisboa-Antuerpia (7-2) em Lisboa a 31 de Janeiro de 1948; V Norte-Sul (3-2) em Lisboa a 6 de Março de 1948; e VI Norte-Sul (3-2) no Porto a 8 de Maio de 1948. Soma tudo isto: — nove desafios internacionais (sete vitórias e duas derrotas), quatro encontros Norte-Sul (três triunfos e um empate) e a partida vitoriosa contra Antuerpia.

Especialista na transformação de



As equipas do Hóquei de Sintra e do Patim de Barcelona — quando o catalão vieram jogar a Portugal — vendo-se Raio, o último à direita, no primeiro plano

grandes penalidades em golos — pelo menos criou fama no seu clube e em jogos de campeonato... — o magnífico back do Sintra, que é um exemplo de desportivismo e de companheirismo, também conta no seu activo com alguns tentos marcados, nessas circunstâncias, em desafio de selecção: — um golo contra Antuerpia, dois à Bélgica e um ao Egito e à Holanda, no recente campeonato mundial, em Montreux. Na vida social, António Raio, que é solteiríssimo, ocupa-se a estudar — como aluno da Faculdade de Direito — e é ainda industrial hoteleiro em Sintra. Pratica também o tenis. Em suma: — um campeão

do Mundo que não deixa os seus créditos por mãos alheias... E, na extensão mais pura do termo, um verdadeiro gentleman, um desportista correcto, leal, disciplinado — e amigo do seu amigo. Duas paixões únicas: — Sintra e hóquei em patins. E uma aspiração: — que o seu clube seja campeão nacional...

Jorge Monteiro

A SEGUIR:

IX — MANUEL SOARES



E, assim que o magnífico defesa sintreense acatela a baizra «colado» ao guarda-redes — para evitar surpresas ajudar o companheiro...

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

O DESMORONAR DOS BOATOS...

Começaram bem cedo os boatos sobre «transferências». Mas também começaram cedo os desmentidos. Aqui nesta página do Porto já nós dissermos que era bom não ferver em pouca água, pois as coisas ficariam em metade. Assim será, naturalmente.

O Porto não costuma ser muito feliz nessas transferências. E as que se anunciaram eram de facto «fortes» de mais... Por enquanto, por isso mesmo, o Porto conta apenas com Vieira e o seu antigo defesa Francisco. Cederá, todavia, alguns elementos aos clubes que também lhe forneceram matéria prima.

UMA CONVERSA SURPREENDIDA

Um conhecido jogador portuense, internacional de categoria, foi há pouco assediado por certa proposta vinda de certo clube beirão, muito falado recentemente.

O rapaz ouviu a proposta: 100 contos, um emprego...

O homem ouviu, sorrindo. E disse: — Sempre fico onde estava... Recebo uma vinte contos e é uma beleza.

— Só vinte contos, quando lhe damos mais 80?

— Pois é: mas o meu clube costuma dar-me esses vinte contos todos os anos. Eu tenho bom emprego. Conto jogar mais anos, compreendo... E depois, farei a minha festa de despedida. Não, se vocês derem 200 contos, é caso para pensar duas vezes... Nada: por 100 contos não vale a pena estabelecer confusões junto da massa associativa da minha colectividade.

O F. C. PORTO NA CORUNHA

O campeão nortenho partiu para a Corunha, onde se encontrará (deve ter sido ontem) com o F. C. Barcelona, campeão de Espanha. Cada um sabe as lidas com que se coss. Porém, achamos que o F. C. P. teve um final de época muito mau, e abandonou recentemente os treinos, dada a sua eliminação na «Taça». Logo, jogar em Espanha contra uma equipa como o Barcelona, não nos parece lá muito recomendável.

Mas, enfim — boa sorte!

O Vasco da Gama

TRIUNFOU nitidamente no campeonato nacional de basquetebol a equipa do Sporting Club Vasco da Gama, o simpático agrupamento portuense. Bem justa, essa vitória. Vitória de um clube que tem lutado com persistência e dedicação graças ao espírito de sacrifício dos seus atletas e dos seus dirigentes. Entre estes é justo apontar o nosso camarada Joaquim Alves Teixeira, o presidente da Direcção do clube. O seu dinamismo, a sua devoção pelo antigo clube do Bairro Herculano, mereceu sem dúvida alguma ser festejado.

Se há clubes que triunfam à sua própria custa — o Vasco da Gama é um deles. Sem camada associativa numerosa, o grupo da Cruz de Cristo tem-se imposto valorosamente, dominando adversários amparados por uma popularidade incontável, vencendo de maneira que não sofre discussão.

A vitória do Vasco da Gama, esta época, não prova que o basquetebol portuense tem a categoria que lhe pretenderam negar por ocasião do último Português-Espanha. Primeiro o Vasco da Gama, depois o Fluvial categorizaram-se suficientemente, para orgulho da gente da sua Terra. Enviamos-lhe sinceros parabéns. E desejamos sinceramente que o seu progresso se acentue no futuro. Uma colectividade que não briosamente se comportou, merece ser acarinhada e progredir. O Vasco da Gama progredirá, com certeza.

Curiosidades...

Embora sem pista e campo próprio para a prática do atletismo, não tem tido mau comportamento o F. C. do Porto. Arnaldo Borges, o dinâmico professor dos atletas, ganhou já os principiantes e os júniores.

❖ Ao contrário do que se tem dito nos centros de cavaco, o F. C. do Porto não fez qualquer reclamação sobre a entrega da Taça «O Século» ao Sporting. Tinha fortes razões para isso, mas no primeiro ano da sua disputa.

❖ Causou sério aborrecimento, na capital do Norte, a notícia de que a Federação de Atletismo não considerará os direitos do Porto entrar no campeonato nacional de júniores.

❖ Samuel Píxoto, o magnífico atleta do Académico, está em forma magnífica. Estabeleceu recentemente o recorde nacional dos 500 metros, no tempo de 1 m. 7 s. 1/10.

❖ O conhecido e distinto desportista portuense, Raul de Sousa Martins, obteve um grande triunfo com a inauguração da praia de Ollr, futuro centro de diversões desportivas.

❖ O Fluvial, vencendo o Atlético, assegurou o segundo lugar no basquetebol ao Porto. É a primeira vez que a capital do Norte conquista tão honrosa classificação: — 1.º e 2.º lugares.

O Ferroviários finalista em andebol

O F. C. do Porto tem cumprido bem com o seu dever. Ganhou 8 vezes o campeonato em 9 anos de prova, mas não conseguia desta vez eliminar um clube de sua terra: — o Ferroviários.

Campe e este, portanto, o encargo de representar o Porto no jogo final, marcado para domingo em Coimbra, contra o B-lenenses, vencedor da zona Sul.

Podemos confiar certamente no comportamento dos portuenses. Bateu o F. C. P. de maneira expressiva, no primeiro jogo do torneio máximo, e não lhe falta valor para enfrentar a categorizada equipa lisboeta.

O antigo campeão lutou sempre com brío, ganhando 8 títulos. A proeza foi já assinalada, e parece-nos também oportuno lembrar à equipa do Ferroviários esse exemplo do nosso primeiro clube. Que lhe sirva de estímulo na prova de domingo próximo.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 > >	65\$00
12 > >	130\$00

VACHETO

vai para o México



Vai partir ou já partiu nesta altura para o México, o treinador do F. C. Porto, Eladio Vacheto. O simpático técnico argentino, segundo nos afirmam, não ficará pela América do Sul. Regressará após o desfecho e de novo ao clube campeão nortenho.

Informam-nos, ainda, que Vacheto jogará a próxima época pelo clube que treina actualmente. Para isso, porém, precisa de resolver determinados assuntos junto do clube mexicano por onde alinhou.

Pois a ver vamos. De certeza, Eladio Vacheto voltará, e ainda bem. Era muito útil ao futebol portuense.

ATLETISMO PORTUENSE

Nós não somos tão irreverentes como dizem. Mas não deixamos de castigar atitudes que possam ferir os interesses do público e dos desportistas portuenses.

Eis mais um caso:

Os atletas portuenses não puderam concorrer ao campeonato nacional de atletismo-júniores. Porque? Bem simplesmente, porque a Federação, sabendo que no Porto se disputavam ainda os regionais da modalidade, resolveu não dar satisfações e marcar o «nacional» para sábado e domingo últimos.

Como se vê — tudo muito simples. O Porto não contou para os federativos, mais uma vez, e também não apareceu quem quisesse ver o assunto e resolver o problema.

Assistiu-se, por isso, a um novo «regional» lisboeta. Apareceram mais campeões nacionais na lista. E, mais hoje mais amanhã, por certo se escreverá: «que é preciso chamar a província para a prática do atletismo!» Somos muito provincianos, não resta dúvida. Tão provincianos que ainda nos zangamos com estas ninharias...

Comentarios

A volta a Portugal

A notícia era já conhecida, mas só há poucas semanas foi tornada público: a Federação Portuguesa de Ciclismo assume a responsabilidade de organizar este ano a Volta a Portugal em bicicleta.

Esta decisão é, por um lado, muito de apreciar, pois fica assegurado a mais importante prova ciclista celebrada no país, uma regularidade e rigor disciplinar que só podem valorizá-la em relação às últimas saídas. Mas por outra banda, também impõe à entidade organizadora o máximo cuidado na elaboração do regulamento e nos pormenores de organização, para que nunca possam ficar em cheque o seu prestígio e a sua autoridade.

Como não podia deixar de suceder, a Volta assenhoreou-se já do interesse público e os clubes praticantes do ciclismo delatavam reforçar a sua representação trazendo até Portugal corredores estrangeiros; a competição lerá assim maior realce e, internacionalizando-se progressivamente, entra no plano clássico das organizações similares em outros países, criando jus a ser regulamentada por idénticos preceitos e guiada por critério semelhante.

São fundamentais as soluções dos problemas de assistência aos corredores na estrada, de intervenção e de determinação de funções dos carros de apoio, que preferiríamos consideravelmente reduzidos.

A Federação de Ciclismo, ao enviar o seu projecto de regulamento para aprovação superior, por certo ponderará todos os óbices e conveniências, de maneira a precaver-se contra as eventualidades desagradáveis que surgem em regra quando a lei não é suficientemente explícita e previdente.

Lança Moreira

Encontra-se de lato pelo telecine de sua querida Ilhinho, este nosso distinto amigo e camarada do jornalismo.

Apresentamos-lhe sentidas condolências.

Quem te manda a ti...

A Federação Portuguesa de Andebol enviou à Imprensa um comunicado oficial que diz, resumidamente: «A F. P. A. em esclarecimento do artigo publicado em A Bola, da autoria do sr. Raul Vidal, acerca da preparação da equipa portuguesa na «Taça do Mundo» informa:

1.º — São falsas, malevolas e destituídas de fundamento as afirmações produzidas pelo referido crítico;

2.º — Ninguém desembolsou qualquer importância para a preparação física dos jogadores seleccionados e foi a Federação que cuidou de levar reservas alimentares para caso de necessidade, que se não verificou;

3.º — A Federação agradece as facilidades e o apoio concedidos pelo sr. Director Geral dos Desportos e pelo Inspector da modalidade;

4.º — Agradece ainda a dedicação e competência do seleccionador sr. Acácio Rosa, reafirmando-lhe a sua confiança;

5.º — Louva os jogadores pela disciplina e exemplar conduta desportiva que sempre mantiveram.

Não se pode ser mais claro nem rebater com maior firmeza a série de acusações sem fundamento e de insinuações mal intencionadas que o sr. Vidal, crente de que o jornalismo é campo para desenvolver a acção de malquerenças pessoais, reunira no seu infelicíssimo artigo, que ele mesmo depois confessou haber sido unanimemente repudiado.

Gostáramos de ter lido em prosa do sr. Vidal, uma crítica de ordem técnica e construtiva, que loda a gente se empenharia em assimilar os seus ensinamentos; desde que tivessem um fundo de seriedade e senso, de respeito pela verdade e pela razão.

Afinal, temos apenas a opiniões gratuitas, — como aquela de que os nossos jogadores não conheciam as novas regras do andebol, uma espécie de desajustado concerto de rabeção tocado por artista de outro ofício.

S. C.



O COVA DA PIEDADE ingressou na 2.ª Divisão

O Desportivo da Cova da Piedade, vencedor do Operário, de Lisboa, por 7-1, ingressou na 2.ª Divisão Nacional. Damos a equipa vencedora, que tem feito uma época brilhantíssima

NATAÇÃO

NO FESTIVAL

de homenagem à Imprensa

DAS vinte e três provas que compunham o programa do já tradicional festival de homenagem à Imprensa, que a Federação Portuguesa de Natação organizou, no pretérito domingo, na piscina do Sport Algés e Dafundo, uma sobressai: a tentativa de recorde efectuada pelo «principiante» João Franco do Vale. Correndo contra-relogio, Franco do Vale realizou uns excelentes 100 metros-costas, no belo «tempo» de 1 m. 15,6 s., marca que fica a constituir novo recorde de categoria, e que continua a qualificá-lo como o melhor nadador da especialidade depois de Mário Simas.

As provas complementares, de tipos olímpico, reservadas a nadadores seniores, não forneceram, contrariamente ao que se esperava, quaisquer indicações relativamente à «forma» dos nossos nadadores mais categorizados. «Tempos» absolutamente vulgares, em nada indiciativos de progresso, e a habitual ausência do alhandrense Joaquim Baptista Pereira, sobre quem não se pode formular, ainda, a mês e meio de distância do encontro com a Espanha, qualquer opinião.

Guilherme Patroni venceu os 400 metros-leves, em 6 m. 1,4 s., batendo bem Belmiro Santos. Prova sem história. E venceu depois, sem adversário que o apoquentasse, os 100 metros-leves, em 1 m. 4,4 s., prova em que se classificaram Luís Soares de Oliveira (1 m. 9,81 s.) e Artur Mendes Silva (1 m. 17, 1 s.).

Muito fracos os resultados da prova de 200 metros-bruços, onde ainda se nota a falta do veterano João da Silva Marques, Artur Mendes Silva não foi além de 3 m. 14,2 s., e Adriano Cabral Rodrigues creditou-se de 3 m. 21,4 s.

Mário Simas, pouco certo nas «viragens» percorreu os 100 metros-costas, num «tempo», entre nós, só ao seu alcance; 1 m. 12,9 s. E terá prestado, ontem, perante a F. P. N., novas provas, com vista à sua parti-

cipação nos Jogos Olímpicos de Londres.

Entre os «iníantils», merecem relêvo os nomes de Manuel Murta Barbeiro — bom vencedor dos 33 metros-livres, em 22,9 s. e dos 33 metros-costas, em 27,2 s. — e Vasco Dias Pereira que, de novo, se voltou a revelar nos 33 metros-bruços, vencendo em 29 s.

Fernando Ramos, José Rocha Duarte e Henrique Roque Freire são nomes afixar entre os «iniciados». Entre os «principiantes», houve provas bem disputadas e alguns «tempos» bastante apreciáveis. Está nesse caso a excelente marca de Eduardo Murta Barbeiro, nos 66 metros-livres: 41,8 s. João Faria Bichinho venceu sobre a meta a sua prova de 66 metros-bruços, em 58 s., batendo Joaquim Ramos Mendes, 58,3 s., e nos 66 metros-costas, as honras foram, como é natural, para João Franco do Vale (48,5 s.).

As corridas reservadas a juniores decorreram sem brilhantismo, sendo as marcas bastante fracas. José de Almeida Figueiredo venceu os 100 metros-livres e os 100 metros-costas, respectivamente em 1 m. 15,2 s. e 1 m. 32 s. Nos 100 metros-bruços, que Dálto Ferreira ganhou em 1 m. 39,1 s., merece relêvo o segundo lugar alcançado pelo nadador belenense Armando Mendes (1 m. 39,2 s.).

Sempre curiosas, as provas reservadas a «veteranos» reuniram alguns dos melhores ases de outros tempos. Lá estiveram, a recordar épocas que não voltam mais, António Pala, Manuel Cardoso, António Basílio dos Santos, Alfredo Conceição, Luís Reis e Carlos Campanela.

Na prova «S. A. D.» de Algés somou 68 pontos, seguido do Belenense — que conquistou a taça «Fladium» — com 13, do Estoril com 8, do Nacional e do Pedrouços, com 4.

Na prova «veteranos» o Algés somou 23 pontos e o Belenense 6. Às corridas da «Velha Guarda» apenas concorreu o Algés.

Abreu Tórres

ARCADIA O DANCING N.º 1 = DA CAPITAL =

Apresenta o melhor programa de variedades de Lisboa, com

Os princípios do baile espanhol MERCEDES LEON-ALBANO ZUNIGA

Clarence e Person — Ballet Alma Espanhola

BALLET DIX LOUISE GIRL'S

Mary Mely, Conchita Perez, Mabel Valencio, Almодena, Pilarin, Merche Martin, Milagrito Ondina, Loli Cañi, Maruja Casado, Ramoskine

Música constante pelas Orquestras Larrea com a vocalista Josita Tenor e Arcadia

Abertura às 22 horas — 1.ª parte de Variedades às 24.15 horas



Uma fase de grande movimento. A luta entre António Maria e Peyroteo, e ainda o interesse de Tra-
vaços, Albano, Moreira, Verissimo e Corona estão em relevo



Azevedo não teve muito que fazer, pois os avançados de Benfica romataram mal. Mas o guarda-
-das leonino jogou sempre com segurança



Corona procura impedir a defesa de Aze-
vedo. Mas não o conseguiu



Júlio não esteve inactivo. Marques, porém,
foi um defesa seguro, não o deixando pôr o
pé em ramo verde.



Um bom salto de Júlio. Conseguiu vencer a oposição de Juvenal



Um remate de Teixeira da Silva. Há pânico na defesa barreirense

SPORTING jogam domingo
E BELENENSES a final
da TAÇA



O extremo direito belenense é habilidoso. Demonstra-o na maneira como venceu este



A defesa do Barreirense procura impor-se ao adversário. Teixeira da Silva, porém,

O Campeonato Nacional de Basquetebol terminou, no domingo, com a esperada e justíssima vitória do Sporting Clube Vasco da Gama — a equipa que, no decorrer da prova, demonstrou possuir melhor preparação e maior homogeneidade.

A vitória dos campeões portugueses não merece, de facto, contestação, tão clara ela se desenhou, a partir do jogo da segunda volta, entre os dois «cinco» da cidade Invicta. Nesse encontro, o Fluvial — vencedor do «Vasco», na primeira volta — jogou a sua última possibilidade de arrecadar o título. Porém, como os actuais campeões não se deixaram surpreender, o seu triunfo na prova poucas dúvidas deixou... E, realmente, assim aconteceu.

Analisando, superficialmente, a actuação do Vasco da Gama, neste Campeonato, verificamos que os triunfos obtidos contra o Olivais, em Coimbra, e contra o Atlético, em Lisboa, foram, com o do já referido jogo Vasco-Fluvial, os momentos decisivos da carreira da equipa que tão brilhantemente arrebatou o cobiçado título.

E, a derrota pela diferença mínima (28-27), que lhe foi infligida pelo Benfica, na derradeira jornada da prova, não ofusca, de maneira nenhuma, esse merecido triunfo, porque a equipa jogou de igual para igual com o seu valoroso adversário.

Felicitemos, pois, sinceramente, os novos campeões de Portugal!

A equipa do Fluvial, segunda classificada, foi a grande revelação da prova. Constituída, quase exclusivamente, por elementos jovens, a formação «fluvialista» atravessou a competição com uma regularidade assinalável, não estranhando o ambiente, quando jogou fora do seu campo e

BASQUETEBOL

O VASCO DA GAMA

é o novo campeão nacional

O COMPORTAMENTO DAS SEIS EQUIPAS CONCORRENTES

impondo-se com segurança a todas as equipas, sempre que actuou no Porto. De notar, a vitória conseguida sobre o Vasco da Gama, na primeira volta, a única sofrida pelos campeões, na sua terra.

O Benfica, campeão destronado, ficou-se em terceiro lugar, na tabela da classificação. O comportamento da equipa foi bastante irregular, com um começo de prova hesitante, seguido de um período de fraco rendimento e um final de animadora recuperação. No entanto, o conjunto dos «encarnados» atravessa uma crise grave que tarda em ser debelada. Entre a equipa deste ano e a da época passada há uma diferença considerável... Menos poder, menos confiança, menos ligação. Resultados que merecem destaque: as vitórias sobre o Atlético e o Vasco da Gama, nas duas últimas jornadas do torneio.

O Atlético Clube de Portugal, vencedor do Campeonato de Lisboa, não teve, no torneio agora terminado, actuação de harmonia com o seu valor. Iniciando a prova com duas derrotas — contra o Olivais, em Coimbra, e contra o Vasco da Gama, em Lisboa — os alcantarenses tiveram em

seguida, uma série de vitórias que marcaram a melhor forma da equipa; nas últimas jornadas, porém, o Atlético voltou a sossobrar diante do Benfica e do Fluvial.

O Olivais F. Clube, com um «cinco» em que sobressai a juventude de Costa Ramos e de Alves Pereira, começou, esperançosamente, o torneio, com uma vitória sobre o Atlético, em Coimbra. A pouco e pouco, contudo, a equipa foi-se inferiorizando, terminando a prova, sem o destaque que a princípio se calculou.

Finalmente, o «Belenense», antigo campeão nacional e um dos clubes que mais tem trabalhado, dentro do basquetebol português, fez uma pés-

sima prova, registando, ao largo dos dez jogos do campeonato, uma só vitória. Cremos que a crise que afecta a equipa dos «azues» está em vias de ser estancada e, se tal acontecer, muito terá a lucrar o basquetebol lisboeta.

Após esta rápida resenha da acção dos seis clubes concorrentes ao Campeonato Nacional da I Divisão, passemos em revista alguns aspectos referentes à organização da prova.

O público, em Lisboa, não acorreu em grande número aos jogos disputados, como consequência, certamente, da má classificação das equipas da Capital. Em Coimbra e no Porto, registaram-se boas assistências, sobretudo quando estiveram em luta as equipas do alto da tabela. A receita «recorde» do torneio foi feita, no Palácio de Cristal, no jogo Vasco-Fluvial da segunda volta.

O problema das arbitragens continuou a afligir os dirigentes, embora seja de acentuar uma sensível melhoria, em relação a épocas passadas.

E, outras observações que a organização de provas nos merece, ficarão para um próximo artigo.

Monteiro Poças

LEÃO DE OURO

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE

— BAR —

CERVEJARIA — MARISCOS

Rua 1.º de Dezembro, 89 a 99 — Telefone 2 6195 — LISBOA

É O SEU CARRO
QUE LHE PEDE...



Sociedade Nacional de Petróleos

FUTEBOL

A Espanha e a Suíça empolaram por 3 a 3. «Depois de um início brilhante os jogadores espanhóis frequentaram e os suíços estiveram prestes a arrancar o triunfo».

Tais são as palavras de comentário com que o brilhante crítico francês, Maurício Pfefferkorn, resume o papel das duas equipas futebolísticas que se defrontaram em Zurique, num dia sufocante, na presença de 30.000 pessoas.

A Espanha sempre levou a melhor à Suíça nestes pleitos de bola. Em cinco desfechos colheu quatro vitórias e é caso para não duvidar da supremacia dos nossos vizinhos. Desta vez, jogaram com uma repidez desconcertante e ao cabo de dez minutos tinham marcado dois golos; o primeiro por Pehliho e o segundo por Igoo. A defesa helvética viu-se em apuros constantes mas um desentendimento entre Elizaguirre e Clemente, que chocaram, levou este último a enfiar o balão nas próprias redes desertas ao 17.º minuto.

Na segunda parte os locais entraram no terreno com vontade visível de obter o triunfo e o sistema defensivo espanhol foi cedendo aos poucos até que Antenner marcou a segunda bola e fez o empate.

Os nossos vizinhos reagiram então e, três minutos depois, Igoo aproveitou uma bola que o poste devolveu para marcar o terceiro tanto mas Antenner passado pouco igualou de novo.

Os espanhóis, para garantirem o resultado, jogaram à defesa até ao apito final, mas F. Lalander levou nos pés a vitória quando chutou fraco a escassa distância do guarda-redes Elizaguirre.

CICLISMO

A Volta à Suíça em bicicleta, que tão desastrosamente se inaugurara com a morte do ciclista belga Ricardo Depoorter, concluiu no segundo-feira (21) pela vitória do helvético Fernando Kluber, no tempo espez bom de 41 horas 53 minutos e 58 segundos.

Esta prova compreendia 7 etapas, principiando em Zurique e seguindo por Basel, Chaux de Fonds, Morges, Thun, Altdorf, Lugano, Arosa e findando em Zurique, num total de 1.412 quilómetros.

Em segundo lugar classificou-se o italiano Bresci (42 h. 12 m. 8 s.) deante do suíço Sommer (e 2 m. e 18 s.) e do francês Robico.

Os grandes ases italianos, fatigados pela recente Volta à Itália, ainda não tinham recuperado o suficiente para dar boa réplica e querio aos franceses e aos belgas não se apressaram por se reservarem para a próxima Volta à França, que tem início no dia 30 do corrente.

Kubler também triunfou no Grande Prémio da Montanha com 38,5 pontos à frente de Robic (32 pts). E, aliás, um belo corredor de fundo, estrechista, muito completo.

Stadium

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

PELA primeira vez, depois que alguns árbitros ingleses actuam na capital da Argentina, para demonstrarem ao público daquela cidade como se dirige conscientemente um desporto de futebol — coisa que as paixões facciosas haviam tornado absolutamente impossível aos árbitros locais, convencidas da sua venalidade — pela primeira vez, vamos dizendo, produziu-se um grave descaloto.

O sr. Cox dirigiu, há pouco, o «match» entre os clubes Boca Juniores e San Lorenzo. A certa altura puniu o onze boquista com uma grande penalidade, de que resultou os laurentinos obterem o empate. Um grupo de selvagens, partidários do Boca, aguardaram a saída do juiz inglês e tentaram agredi-lo ualentemente, só não levando a cabo o projecto por enérgica intervenção policial.

Os jornais de Buenos Aires, repudiando com veemência o gesto canalha dos agressores, frisam que Mr. Cox apitou com grande isenção e competência técnica.

Tais são os factos, chegados ao nosso conhecimento há poucos dias. Vamos agora ao julgamento da causa, que bem merece ser escalpelizada.

Antes de mais nada, recordemos a definição da palavra «desportista», tal como a revista inglesa PUNCH nos ensinou há quase cem anos (1850) e que tem sempre um ar de juventude e de novidade:

«Desportista é todo aquele que, não só fortalece os seus músculos e enrija a sua resistência, pela prática de qualquer desporto, mas também aprendu, nessa prática, a reprimir a sua cólera; a ser tolerante com os companheiros e respeitado com os adversários; a não tirar proveito de qualquer vantagem desleal; a sentir como uma deshonra, profundamente, a menor suspeita de ter procedido com batota e, ainda, a mostrar-se des preocupado e alegre quando sofre um repés doloroso».

Nesta dúzia de linhas e de conceitos se estabelecem as fronteiras do respeito pelo próprio e pelo alheio. Conseguir viver dentro delas sem as ultrapassar, nem em espirito sequer, é a maior conquista que a prática desportiva poderá conceder aos que a ela se dedicam de corpo e alma. Igualmente, quando as mesmas se apoixonom a ponto de perder as facultades de repressão da sua cólera, o respeito pelo critério dos juizes e a tolerância pelos seus erros, não se pode dizer que a causa desportiva esteja em progresso mas em paralisia ou em regressão.

R. B.

BOXE

Com dois adjamentos sucessivos, provenientes da chuva que caiu em abundância, efectuou-se em Nova York — finalmente — o enunciado combate entre o negro Joe Louis e o seu rival directo, Joe Walcott.

A vitória do primeiro, embora difícil confirmou o resultado de 5 de Dezembro do ano findo e no próximo número faremos uma reportagem circunstanciada do desfecho.

Entretanto, o campeão de «levisimos» Willie Pep bateu por pontos em Havana (Cuba) o destemido Miguel Acevedo, ao cabo de dez asseltos, e um Newark, o peso pesado italiano Eurico Bertola ganhou a Art Swinden de igual maneira, sem grande brilhantismo.

Em Chicago foi adido, mais outra vez, o combate para o campeonato do Mundo de «semi-médios», no qual intervinham Roy Robinson

GRANDE BAIXA DE PREÇOS



BIGIGLETAS

«HELIOS» 1.330\$00
«RALLIGH» 1.990\$00

Peçam novas tabelas

Armando Crespo & C.ª
Rua do Crucifixo, 116 a 124
LISBOA — Telefone 27027

e Bernardo Docusen Este é uma bela promessa mas ainda tem pouca experiência para resistir a um adversário de tão grande calibre como o temível golpeador negro.

ATLETISMO

Os Campeonatos Universitários Americanos de Atletismo, que se disputam em Minneapolis, constituem uma prova semi-eliminatória para os Jogos Olímpicos, pois os seis primeiros classificados nos diversas provas do programa ficam automaticamente designados para tomar parte na selecção final que se realizará nos dias 9 e 10 de Julho.

Alguns resultados podem ler-se como excepcionais e entre outros o tempo do barreirista Clyde Scott que correu 110 metros (barreiros) em 137 s., igualando o recorde mundial de Towns, Wolcott e Dillard, embora com vento favorável. Mel Patton confirmou a sua altíssima classe, triunfando em 100 metros e nos 200 fazendo 10,4 s. e 207 s. respectivamente.

Em 400 metros venceu Rucky (47,1 s.); em 800 o j. em Whitfield (1 m. 51,1 s.); em 1.500 D. G. Hermann (3 m. 54,3 s.); em 5.000, J. Thompson (15 m. 44 s.); no peso, Fonville com 16,68; no disco, Gordien (50 71) e no martelo Felton, com 52,04 metros.

TENIS

A fadiga, principalmente, decidiu o resultado do Campeonato do Mundo entre jogadores profissionais de ténis que se efectuou com grande êxito nas pistas americanas de Forest-Hills.

Os quatro jogadores finalistas, todos em grande forma, foram, como era de prever, Jack Kramer, Bobby Riggs, Donald Budge e Frank Kovacs. O sorteio decidiu que o primeiro nomeado enfrentasse Budge, na meia-final, e a luta que daí resultou produziu uma tal qualidade de bom jogo que a crítica assegure não ter havido semelhante de alguns anos a esta parte.

Depois de quatro partidas encorajadas do veterano Budge succumbiu por fadiga, sendo o score de 6/4, 8/10, 3/6, 6/4 e 6/0.

Riggs, com mais facilidade, dispôs de Kovacs por 6/3, 6/2 e 7/5, mas na final teve de se inclinar deante de Kramer, por 14/12, 6/2, 6/8 e 6/3.

Kramer é, na realidade, o mais forte jogador de ténis do Mundo, sem distinção de categorias.

Assinem a Revista Stadium

FOI a primeira vez que topámos com dificuldades para cumprir a nossa missão. Dissera-se-nos que fôssemos colher meia dúzia de palavras de Eduardo Nicolau — quanto bastasse para que a nossa Revista legendasse uma gravura de apreensão do filho do Zé Maria Nicolau que revolucionou o país há décadas e meia com as suas proezas ciclistas — e nós partimos satisfeitos. E que se outros motivos não tivessemos, encontrávamos este, pelo menos: iamoz recolher para um jornal, as primeiras confidências dum grande futuro campeão — quem sabe?

O pior, porém, foi aquilho com que não contávamos: Que não! Que o rapaz ainda nada tinha feito que merecesse uma entrevista e esta era inoportuna, portanto!

Mas teimámos. Que não era uma entrevista. Que eram sômente duas palavras e que, sobretudo, gostaríamos de ser os primeiros a recolher confidências daquele garoto que há dose anos vivamos no desaparecido campo das Amoreiras, a pedalar com firmeza numa minúscula bicicleta que com ele se confundia. E talvez fôsse este o argumento que mais convenceu o irredutível «pai tirano»! E pudémos conversar.

— Que me diz o Eduardo às vitórias já alcançadas?

— Que não me deslumbraram. São mais produto de meu pai, que de mim propriamente.

— Mas quem correu foi você... dissémos.

— Debaixo da orientação dele. Nada faço que não seja produto da sua experiência, do seu «ecolo»...

José Maria Nicolau, que assistiu à conversa, interrompeu-o, para nos dizer:

— Deixe-o falar. Se ele não tivesse «pernas», bem poderia eu esfalfar-me

a ensiná-lo. Nasceu corredor, é o que é.

— Vê-lhe qualidades para ser «alguém», José Maria?

— Talvez me chamem vaidoso, mas creio que sim. O rapaz «tem jeito» e há-de criar «endurance». Daqui por alguns anos, talvez dê que falar...

— Como treina?



— É o Eduardo quem nos responde, de novo:

— O meu treino principal é a longa distância que percorro todos os dias, para a Escola, e daí para casa.

Quando me apanho na estrada, parece que sinto «formigueiros» nas pernas e não posso resistir... No

FILHO de PEIXE... EIS, O CASO de Eduardo NICOLAU

resto, limito-me a seguir os conselhos de meu pai.

— Gostaria de vir a ser um grande campeão, como ele?

Os olhos do Eduardo r flectiram um fulgôr «estranho, um cambiante rápido que não nos passou despercebido, a traduzir, talvez, o sonho que baile na sua alma juvenil.

— Seria a minha maior ambição. Porém, ser tanto como o meu pai foi, no ciclismo, é um desejo que sinto.

José Maria voltou a falar:

— Há-de ser mais do que eu fui-se continuar afirmando as qualidades que lhe tenho encontrado. Creia nisto que lhe digo e que é fruto da minha longa experiência. Não lhe faltam atributos para vencer no desporto que escolheu. Quanto ao resto, à orientação que deve ser imprimida à sua vida de atleta que precisa de triunfar... cá estou eu para evitar-lhe as contrariedades. É só nisto que posso e quero ser-lhe útil.

Preparámo-nos para nova pergunta, quando o Eduardo foi «assaltado» por um grupo de admiradores. Não admira. Triunfara em mais uma prova — a terceira consecutiva — e todos queriam felicitá-lo. Reflexos de uma popularidade ancestral, que não se desfaz, nem com o tempo!

Aproveitamos para conversar com o «velho» campeão, a recordar tardes de glória imorredoura.

— Belos tempos, meu amigo!

— Que melhor recordação guarda da sua carreira?

— É um bocadinho difícil a resposta. Foram tantas! mas espere... talvez o Lisboa-Coimbra, em 1932. Estabeleci um recorde que ainda hoje existe. Como o tempo passa... Foi nesse ano que me nasceu este «pimpolho».

— Saudades?

— Sim, muitas, mesmo. Ainda hoje, quando vou para a estrada acompanhar o «miúdo», sinto qualquer coisa «cá dentro» a moer. E então, revejo-me nele. É o meu espelho.

— Dizem que tem o seu «estilo de correr». Concorde?

— Sim, talvez. Tem uma pedalada firme, enérgica e corre sem esforço. Creio, sinceramente, que posso orgulhar-me dele.

Vamos despedir-nos. Agradecemos ao futuro continuador das glórias do «velho» Zé Maria a atenção que nos dispensou. Apartamos efusivamente a mão a este, e recolhemos as últimas palavras do Eduardo:

— Peço-lhe que registre o meu agradecimento à massa associativa do Benfica pelo carinho que me tem dispensado, e que a minha resposta ao que me dirigiram no jornal do clube é esta: hoje e sempre, o filho do Nicolau outro desejo não tem que não seja o de servir o seu Benfica com a mesma alma e a mesma fé de seu pai.

ROSA DE MATOS

O SPORTING E OS SEUS MORTOS



O Sporting Clube de Portugal não esquece os seus mortos. José de Alvalade e Francisco Stropm foram agora lembrados pelo clube, que promoveu uma romagem às suas campas. Nada mais justo. O passado, afinal, vive na memória dos homens do presente.

ANDEBOL



O Belenense é finalista do Campeonato de Portugal, com o Ferrovário do Porto. Uma fase do jogo que fez contra o Sporting.

MARIO SIMAS TREINA...



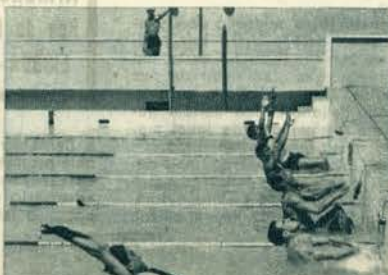
...mas treina na piscina do Algé e Dafundo — preparando-se para as olimpíadas.



HOMENAGEM A IMPRENSA



A F. P. de Natação prestou homenagem à Imprensa, dedicando-lhe um festival náutico. Dois documentários: — o grupo dos veteranos, onde se encontra Manuel Cardoso, vencedor dos 88 m. livres, Luis Carlos Reis, Carlos Campanella, Alfredo



VELA

Dois aspectos da Vela: o campeonato de canoas, e a prova de selecção olímpica em «Fire-Flits».



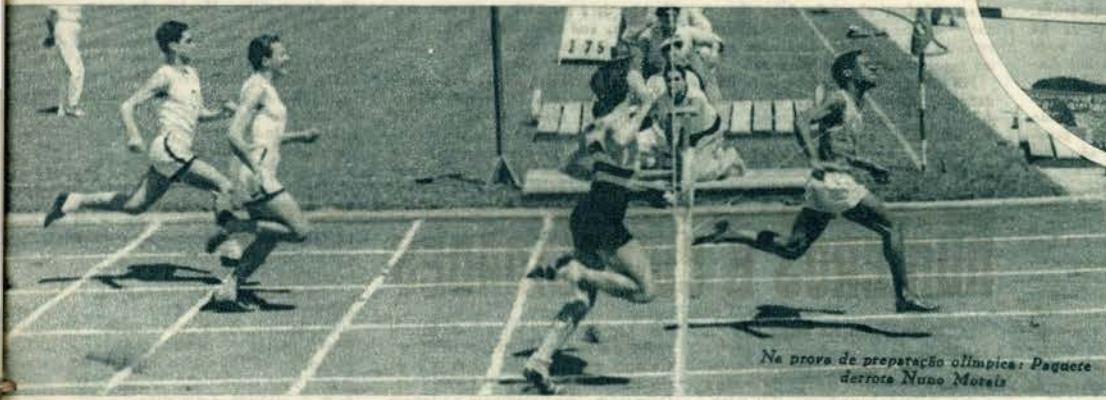
CAMPEONATO NACIONAL DE ATLETISMO (JUNIORES)



Na prova final dos 80 metros — vê-se bem o vencedor...



A equipa de 5x80 do Sporting, venceu bem o campeonato. Eis os componentes. Ao lado, Noronha Feio, do Colégio Militar, no salto que lhe deu o título



Na prova de preparação olímpica: Paqueta detrota Nuno Mota



Bravo, com a sua saída para Espanha, fez falta ao Estoril

HÀ quem diga que o «Estoril» ganharia o Campeonato se Bravo não tivesse ido para Espanha. Talvez haja um fundo de verdade nessa opinião. Contudo consideramo-la algo preceptiva. Não esqueçamos que não foi só Bravo a deixar de prestar o seu concurso ao «team» da Costa do Sol, que também o magnífico médio esquerdo e o valoroso avançado-centro tiveram bastantes jogos sem alinhar...

Numa equipa que, há falta de valores individuais de primeira grandeza, o conjunto é o seu grande triunfo, é lógico que uma baixa deixa sempre uma lacuna por preencher. Até que ponto essa baixa se faz sentir no rendimento global da equipa, depende, em grande parte, do jogador chamado a substituir o titular ausente. Um dos grandes males da turma de Alberto foi não ter encontrado logo a melhor solução para o problema criado à volta da saída de um dos mais categorizados elementos. Os estorilenses chegaram até a ensaiar a famigerada tática dos «quatro avançados em linha», com o mesmo resultado nulo das outras experiências, à mingua dum interior-recuado (ou, mais propriamente, um «médio-avançado») capaz e porque a tática em questão é estruturalmente contra-indicada para uma equipa, como a do «Estoril» que se exhibe dentro do sistema W. M. como pouquíssimos grupos nacionais.

Oswaldo só muito tarde foi chamado ao «team de honras».

Números e curiosidades da maior prova do futebol português (4)

ESTORIL PRAIA

Citamo-lo porque o ataque, com a sua inclusão, mostrou mais eficiência, pois só ele marcou 9 golos nos oito jogos em que participou — um terço da totalidade dos tentos metidos nesses desafios. A média de golos por jogo, que na 1.ª volta (enquanto Bravo jogou) foi de 4 bolas, e baixara a metade nas cinco partidas seguintes, subiu a 3,5 nos últimos oito jogos. Na 1.ª volta, o «Es-

toril» obteve 52 tentos, como o Sporting, pertencendo a cifra mais alta, de bolas marcadas. Na 2.ª volta marcou apenas 39, mas os próprios «tentes» não foram além de 40, e contudo foi nessa fase que irresistivelmente marcharam até ao 1.º lugar definitivo da classificação geral... Na 1.ª volta o Estoril obteve 20 pontos e 16 na segunda, ou seja menos 4 pontos. Bastaria ganhar ao Benfica e ao Sporting, para que o título fosse para a Costa do Sol... Mas — se Bravo tivesse jogado, seria o «Estoril» realmente capaz dessa dupla proeza?!

OS JOGADORES

Numa equipa caracteristicamente homogênea torna-se difícil apontar a sua faceta mais importante. Contudo, é verdade que o ataque tem merecido ênfases, dado o brilhantismo das suas exhibições, em que o esquema bem desenhado do giro da bola se alia a um sentido prático, tendo como único objectivo a baliza adversária. O «trio» (ultra-avançado os extremos e o avançado-centro) destaca-se pelo poder realizador dos seus elementos. Lourenço e Raul Silva,

os velozes ponteiros de ambas as alas, classificaram-se em 1.º lugar entre os jogadores que ocupam os mesmos postos, na lista dos marcadores de tentos do «Nacional». O extremo direito ocupou mesmo o oitavo lugar da classificação geral. O madeirense Mota, a despeito da sua baixa estatura, pouco propícia ao avançado-centro moderno, demonstrou tal poder de remate que, na altura em que se procurava afinadamente o avançado-centro para o «couze» nacional, o seu nome chegou a correr nos «mentideros» da bola...

Os interiores, Bravo e Vieira, ambos ótimos condutores de jogo, tiveram exhibições primorosas. Dos jogadores que foram experimentados após a saída de Bravo, nenhum correspondeu à altura da categoria da linha. A formação mais incisiva, experimentada a oito jornadas do fim, e que, mais ou menos, se manteve depois, apresentava Oswaldo no eixo do ataque e Mota no lugar de interior-direito.

Vasco Santos



Mota, o melhor marcador dos estorilistas

(Continua na página 14)

O MARIPOSA está em voga

precisamente quando vai ser abolido como «estilo» oficial

Butterfly, farfalla, papillon, borboleta, mariposa, ou como melhor queiramos chamar a este «estilo» híbrido, a verdade é que ele se tem generalizado consideravelmente nos últimos tempos, atraindo as atenções dos técnicos de todo o Mundo, assistido com apreciável rendimento, inclusive por nadadores que não são, fundamentalmente, especialistas de «brucos».

O «mariposa» é, digamos, no momento que passa, o «estilo» da moda.

O seu aparecimento data de há alguns anos já, pois surgiu, pode dizer-se, nas olimpíadas de Los Angeles. Quando dos Jogos seguintes, em Berlim, o mariposa foi já empregado em larga escala, e, de então para cá a sua utilização tem-se generalizado progressivamente, não sem ter, também, os seus detractores.

Sem dúvida, reúne o mariposa melhores condições do que o brucos-clássico para com ele se tentar a queda de alguns recordes verdadeiramente históricos, reconhecendo-se, além disso, o seu maior rendimento em piscinas de pequenas dimensões e em provas de reduzida metragem, nas quais os americanos se especializaram, arrebatando, assim, a supremacia que os europeus — por intermédio de alemães e franceses — de há muito mantinham.

Os detractores do mariposa, e que muitos são, desde o seu aparecimento até à invasão do discutido «estilo» pelas piscinas de todo o Mundo, foram impondo os seus desejos até conseguirem que a Federação Internacional de Natação Amadora ordenasse o seu divórcio com o brucos-clássico, quer dizer, que um nadador no decurso de uma prova utilizasse os dois «estilos». Conseguiram, assim, digamos, a primeira parte do seu programa. A segunda é a que estamos vivendo presentemente, ou seja, a sua total abolição, que não sabemos ainda se foi ou não conseguida.

Por seu turno, os partidários do mariposa que, diga-se de passagem, constituem a grande maioria, afirmam que o brucos-clássico perdeu popularidade como «estilo» de corrida, por causa da sua pouca velocidade comparativamente com o «crawl». A inovação, argumentam, impunha-se. Era necessária. Com o rodar dos anos, o brucos-clássico tornava-se quase tão antiquado como o «over» ou o «strudgeon», no que respeita a provas de competição. Afirmam, também, que o mariposa não é, nem anti-natural, nem ilógico. E é, além de tudo, mais excitante para a competição.

De facto, o mariposa, graças ao seu violento movimento de braços, é incomparavelmente mais espectacular do que o brucos-clássico que passaria quase exclusivamente a ser utilizado nas provas femininas.

É muito possível que a temporada de 1947 tenha sido a última em que o mariposa foi utilizado como «estilo» oficial, e, portanto, homologáveis as marcas alcançadas com o seu emprego.

Pelo menos enquanto não chega

tal determinação, os «mariposistas» continuaram batendo recordes com o seu emprego, e criando mais adeptos com os seus feitos consumados.

O seu maior rendimento, traduzido eloquentemente pelo cronómetro, favoreceu o treino do mariposa. E com efeito, cada dia é maior e mais numerosa a geração de «mariposistas». Assim, temos que de entre aqueles que baixaram, aos 200 metros, de 2 m. 40 s. — segundo os nossos dados, cerca de duas dezenas — os que utilizaram o mariposa total ou parcialmente, dominam numa percentagem de dez para um.

Na última temporada, quatro nadadores lograram baixar dos 2 m. 40 s.: os americanos Verdeur, De Forrest e Sohl e o húngaro Szegedy.

O mais famoso estilista e defensor do mariposa é o russo Iimeón Botchenko, possuidor oficialmente

das extraordinárias marcas de 1 m. 5,4 s. e 2 m. 29,8 s., respectivamente, aos 100 e 200 metros. Segue-o o seu compatriota Mesjkov, com 2 m. 31,4 s., e o americano Cashin, com 2 m. 33,7 s. — marca, aliás, não reconhecida. Em quarto lugar, temos o americano Verdeur. O melhor europeu é o francês Nakache, com 2 m. 36,8 s.

Tanto a marca do húngaro Szegedy de 2 m. 36 s., como a do americano Cashin de 2 m. 33,7 s., superiores, portanto, aos recordes do Mundo e da Europa, não foram homologados por falta de garantias.

É frequente afirmar-se que o mariposa conserva a letra, mas não o espírito, das regras do brucos. Por este motivo se achou útil, em França, orientar os jovens na prática do brucos-clássico em detrimento do mariposa, por se temer que este último

estilos fosse, de um momento para o outro, pura e simplesmente abolido. E por isso, os atletas não contam com «mariposistas» de classe. A Inglaterra tem hoje em Roy Romaine um campeão europeu. Em Espanha, o brucos-clássico é o «estilo» mais atrazado. Manuel Guerra — bem nosso conhecido — que utiliza nos 200 metros-brucos, os dois «estilos», dozeando, portanto, o seu esforço, elevou consideravelmente a natação espanhola nesta especialidade, conseguindo atingir a marca de 2 m. 53,2 s. O seu melhor tempo nos 100 metros é de 1 m. 15,4 s. Merecem, ainda, êxito os nomes do catalão Andreu e do andaluz Branco.

Em Portugal nada se mariposa desde 1936, ano em que muito se distinguiu o nadador do Sport Algés e Dafundo, José da Silva Ribeiro.

Em 1937, Afonso Gonçalves não se limitou-se pelas suas vitórias, em 50 metros, sobre João da Silva Marques.

Outros nadadores têm tentado a modalidade, como Vítor Camarinhas; Mendes da Silva, Máximo do Canto; etc. E alguns nadadores de estilo-livre, como Azinhal, Carreiras, Oscar Cabral, aplicaram-no muitas vezes, mormente em estafetas de velocidade, com apreciável rendimento. A natação portuguesa, no entanto, aguarda, ainda, o seu verdadeiro especialista de mariposa.

Alves Torres

NUMEROS E CURIOSIDADES

(Continuação da pág. 13)

Na linha intermediária verificou-se uma autêntica dança de trocas entre quatro jogadores (Oliveira, Nunes, Fregaleiro e Cassiano) que se revelaram em curtos períodos. No sector defensivo, Pereira, Elci e Alberto formaram uma barreira difícil de transpor, por vezes duros na sua função destrutiva. O guarda-redes melhorou visivelmente no decurso da época, para terminar com exibições de grande valor.

A carreira do Estoril Praia no Campeonato Nacional

Os estorilenses nunca conseguiram atingir o topo da classificação nas vinte e seis jornadas que a grande prova comporta. Iniciaram o torneio com um empate em Vila Real de Santo António, donde não boas equipas tomberam, afinal... Na 3.ª ronda, tendo perdido com os «leões» estavam empatados no 4.º lugar com mais quatro equipas: Benfica, Oihanense, Sporting de Braga e Lusitano — todos com 3 pontos de atraso em relação ao trio da vanguarda: Porto, Belenenses e Sporting.

Mantiveram esse posição até ao fim de 1.ª volta, sempre na companhia do outro clube, quase sempre desfrutando vantagem do qual-average que lhe dá o direito ao 3.º lugar... Nesse intervalo, o turma de Bravo somente conheceu o trazo de derrota em Braga. Em Setúbal empatou. No começo de 2.ª volta, ocupou o 3.º lugar, de parceria com os «leões» — o Belenenses. Logo a seguir, o Estoril perdeu um ponto na Tapadinha. Foi então que as coisas começaram a correr nitidamente mal. Nu-

ma sequência trágica, o Estoril Praia perdeu com o Sporting, no Campo de Amoreira, com o Vitória de Guimarães e o Elvas, fora. Desceram imediatamente na tabela de classificação, até ao 5.º lugar. Foi esse o pior período dos estorilenses. Se alimentavam ainda esperanças de virem a classificar-se campeões — estas juntaram-se, sem apelo. Na jornada 19.ª iniciaram uma valerosa recuperação, entreade apenas com uma derrota que não os deslustra (contra o Benfica, depois do jogo com o Arsenal de Londres). O empate alcançado no Porto, contra o campeão local, na derradeira jornada, culminou este belo esforço, classificando-se honrosamente no 4.º lugar da tabela geral, com igualdade de pontos o F. C. do Porto.

Números e curiosidades

O Estoril Praia totalizou 16 vitórias, 4 empates e 6 derrotas. Marcou 91 golos e sofreu 49. No seu campo averbou 11 vitórias contra 2 derrotas somente. Neste particular, só os campeões nacionais lhe levam a melhor, pois sofreram menos uma derrota, em troca dum empate... Fora de casa, somaram 5 vitórias (a mais baixa cifra entre os cinco primeiros classificados), mas alcançaram o maior número de empates (4). Como o Sporting e o Belenenses, averbaram 4 derrotas em jogos disputados no campo adversário. Os estorilenses foram os que marcaram mais golos, no próprio campo e dos que mais tentos sofreram, entre os «Cinco Grandes» da prova máxima.

No ano passado, o Estoril classificou-se em 5.º lugar, com igual número de pontos do 3.º (Belenenses e F. C. do Porto) também com

16 vitórias, mas com 9 derrotas e um empate. Marcaram então 96 golos (mais 5 que agora) e sofreram 55 (mais 6) A melhor é, pois, ligeira.

O Estoril Praia estreou-se na Prova Melhor do futebol português na época de 1944-45, conquistando o 6.º lugar entre dez concorrentes, com 6 vitórias, 4 empates e 8 derrotas, 44-34 em golos. O Oihanense averbou o mesmo número de triunfos, empates e derrotas, diferindo apenas na média de golos: 41-41.

Prossiguiu com dados estatísticos do campeonato desta época, verifica-se que, no conjunto dos dois jogos disputados contra cada clube, os marcos são favoráveis ao Estoril, com excepção do Sporting, o qual ganhou nos duas partidas, e do Benfica que perdeu por 3-2 e se desforrou por 2-0.

A equipa contra a qual o «leão» de Alberto fez melhores resultados, em casa e fora, foi a do Académica (7-0 e 1-5) todavia foi contra o campeão alentejano, que os estorilenses marcaram mais golos num só desfecho: 8-2.

Os tentos do Estoril Praia foram marcados pelos seguintes jogadores: Mota, 26; Lourenço, 17; Raul Silva, 14; Bravo, 10; Osvaldo e Vieira, 9; Alberto, 3; Cassiano, 2; Armindo, defesa do Alentejo, 1 (na própria rede).

Os futebolistas que jogaram todos os jogos do Estoril foram: Laranjeiro, Pereira, Alberto e Raul Silva. Com uma única «filha»: Elci, Lourenço e Vieira. Com 22 jogos: Mota, Oliveira, 21; Fregaleiro, 14; Bravo, 13; Nunes, 12; Osvaldo, 8; Cassiano, 7; Gonzaga, 5; Lima, 2 e Diamantino, 1.

Na totalidade, o Estoril Praia contou, pois, com o concurso de 17 jogadores: 1 guarda-redes; 3 defesas, 4 médios e 9 avançados.

Vasco C. Santos

A seguir: F. C. do Porto.

A ÚLTIMA BATALHA

é sempre ganha pelos ingleses...

O SOUTHAMPTON obteve uma vitória sobre o FLAMENGO, por 3-1

(Especial para «Stadium» — por CANDEIAS ALVAREZ)

Depois da derrota imposta ao Corinthians, no jogo de despedida em S. Paulo, o que mais uma vez manteve a tradição de que a última batalha é sempre ganha pelos ingleses, a torcida carioca acorreu em massa ao Estádio de S. Januário, que apresentava um aspecto surpreendente, desejava de verificar os progressos feitos pela equipa do South, após uma permanência de quase um mês em terras do Brasil e depois de ter enfrentado os mais aguerridos *teams* cariocas e paulistas.

Agora mais aclimatados e com maior noção do padrão de jogo desenvolvido pelas equipas brasileiras, os britânicos não foram mais aqueles *players* bisonhos e morosos que nos habituámos a ver e que tão má impressão tinham deixado no espírito de quantos o viram filigranar nos gramados cariocas, mas sim um conjunto de elementos dinâmicos, rápidos e como que rejuvenescidos, — ultrapassaram toda a expectativa.

Vimos uma equipa metamorfoseada, agora com um sistema de jogo diferente do apresentado inicialmente, já integrado na rigorosa marcação de homem a homem, abandonando por completo a rígida marcação por zonas. O técnico inglês Mr. Dodgins conseguiu finalmente adaptar a sua equipa ao sistema mais adequado para enfrentar equipas rapazes como a do Flamengo e maior é a sua satisfação por ter visto que os seus pupilos neste «mel» de despedida ainda conseguiram ser mais rápidos do que os seus antagonistas. E foi tão diferente a sua actuação que desta vez nem tinham as camisolas numeradas. Vimos os jogadores defensivos marcando rigorosamente os adversários à sua guarda, com o médio-centro re-

cuado ajudando e dificultando o bloqueio dos atacantes flamengos que na primeira parte raras vezes conseguiram infiltrar-se com perigo. Os seus atacantes, demonstrando notável desenvoltura, deixaram entretida a defesa rubro-negra sobrecarregando de trabalho o guarda-redes Dolly.

Quando após os primeiros 45 minutos os ingleses deixaram o gramado vencendo por 2-0, era opinião geral de que, continuando a praticar o mesmo futebol seria tarefa quase impossível uma reabilitação do Flamengo; quando aos 51 minutos Scott aumentou para 3-0, todos tivemos a nítida impressão de passar-mos a assistir a uma desforra contundente de South, representando os resultados adversos que até à linha se foi.

Aos poucos, porém, o Flamengo conseguiu arri-alar melhor as suas linhas e durante cerca de 30 minutos travou-se um duelo tremendo entre os seus atacantes e a defesa britânica, onde Ramsay se multiplicava e conseguiu de parceria com Black que as suas redes fossem tocadas uma só vez.

Foi uma luta em que saiu vence-

dora a defesa do South, bem auxiliada pela linha intermediária e pelos dois interiores, que haviam recuado em exílio de defesa, deixando apenas junto à linha de meio campo os três restantes avançados — sempre prontos para uma investida relâmpago que sempre causava pânico nas hostes flamengas.

Findo o jogo havia a certeza de que o South tinha adaptado o rápido jogo sul-americano ao seu «sistema» o que lhe facilitou a desorganização das estruturas defensivas dos seus adversários tornando o seu futebol mais vistoso e mais produtivo, nunca concedendo fregues e fazendo morrer à nascença qualquer tentativa contrária de imposição de sistema.

No quadro inglês todos actuaram bem, destacando-se a defesa que actuou com firmeza e decisão e onde Ramsay foi o seu melhor estelão; a linha intermediária cumpriu integralmente a sua missão e na linha de frente brilharam Wayman e Curtis bem secundados por Day.

No Flamengo, Newton foi a principal figura, Dolly fez uma boa exibição não se podendo considerar culpado por qualquer dos golos sofridos; na linha média Jaime foi o grande organizador, Farah deu melhor apoio à linha avançada enquanto Veighinho se mostrou o mais fraco. Dos avançados, salvaram-se Durval e Veve. Jair pouco fez e Zizinho pecou sempre pelo excesso de dribling.

A arbitragem de Mr. Reader teve pequenos senões que não chegaram para empanar o brilho das exhibições ante lores. Deixou os três princípios de apupos não tiveram justificação de espécie alguma.

A renda da partida somou Cr\$. 416.300.00 e as equipas alinharam:

Southampton: — Black; Elington e Ramsay; Wilkins, Weber e Bates; Day, Curtis, Wayman, Scott e Grant.

Flamengo: — Dolly; Newton e Miguel; Veighinho, Belo e Jaime; Luizinho, Zizinho, Gringo, Jair e Veve.

Farah, substituiu Belo e Durval substituiu Gringo.

Em Belo Horizonte no «Torneio Quadrangular»

Terminou em Belo Horizonte o «Torneio Quadrangular» organizado pelo América Mineiro, e em que tomaram parte as equipas do Vasco da Gama, São Paulo, Atlético e o clube de Minas.

Nos jogos de pênaltis defrontaram-se as equipas do Vasco e do São Paulo no preliminar e Atlético e América.

No primeiro, as equipas alinharam:

Vasco: — Barbosa; Rafanelli e Wilson; Eli, Danilo e Jorge; Djalma, Maneca (Ismael) Friaço (Dimas), Ademir (Iocjucan) e Chico.

São Paulo: — Gijo; Severio e Moura; Rui, Bauer e Noronha; Ameral (Neco), Alveir (China) Santo Cristo, Remo e Teixeira.

Alimentavam os vascos a esperança da vitória sobre o São Paulo, a fim de torcerem para o Atlético no jogo principal, pois que uma vitória deste sobre o América daria ao Vasco a «chance» de conquistar o título. No entanto, os eficientes mineiros torceram de verdade para o empate, que afinal se verificou, ou pela vitória do São Paulo, que mesmo assim não pode a ter aspirações.

O resultado de 2-2 ajusta-se perfeitamente ao desenrolar da partida. Na primeira parte, justificando a sua superioridade no terreno, o Vasco marcou 2-0 com golos de Ely e Friaço, e nos últimos 45 minutos, estimulado pela assistência, o tricolor bandeirante conseguiu o empate por intermédio de China e Neco. Permitiu assim um «placard» sobre todos os aspectos digno dos seus contendores. Mário Viana, na arbitragem, houve-se com acerto.

No jogo principal as equipas alinharam:

América: — Tonho; Di'ji e Lusitano; Jorge, Lazarotti e Negrinhão; Valsech, Petrônio, Nandinho, Helio e Murlinho.

Atlético: — Kafunjo; Morilo e Remos; Carango, Mexicano e Monte; Afonso, Lucas, Carriello, Lero e Barros.

O resultado verificado foi o empate de 1-1 que se ajustou ao desenrolar do encontro, que desta forma segrou o América Mineiro campeão do «Torneio Quadrangular».

Auspiciosa a estreia de Heleno no Boca Junior de Buenos Aires

Estreou-se, como dissemos, nos gramados argentinos, o avançado centro Heleno de Freitas cujo «passo» havia sido comprado pelo Boca Junior ao Botafogo por 600 mil cruzeros. Heleno de Freitas na sua primeira apresentação e jogando contra o Banfield, conseguiu dois tentos dos três mercados pela sua equipa e no final foi levado aos ombros até ao hotel onde se encontra hospedado.

Os resultados do Campeonato argentino verificados ontem foram os seguintes:

Chacaberto Jr., 1-River Plate, 1; Gináia e Esgrima, 4-Lanus, 1; Huracán, 3-Raonq, 1; Independientes, 2-Tigre, 2; Boca Junior, 3-Banfield, 0; S. Lorenzo, 1-New Old Boys, 1; Platense, 4-Estudiantes, 0; Rosário Central, 5-Velez, 1.

ATLETISMO

(Continuação da página 3)

Dias, que beneficiou da péssima partida de Rui Maia, incapaz de recuperar os dois metros perdidos inicialmente; nos 150 metros, o mesmo Maia foi aquele que mais forte terminou, vindo a cortar o fio com um peito de atrazo de Casimiro, ambos creditados no mesmo tempo.

O lote dos concorrentes não nos pareceu conter unidades de notável categoria.

Já o mesmo se não poderá repetir em relação à velocidade prolongada, onde Fernando Casimiro e, mais ainda, Natal dos Santos possuem classe para marcar posição no futuro. Este último, cuja descontractação é modelar fica com os melhores tempos da época, que nenhum senior lisboeta será capaz de igualar e teria também sido campeão de Lisboa se não houvessem beneficiado o rival com um erro na medição da pista que justificaria a anulação da final, pelo menos.

Em meio-fundo e fundo alcançou Guedelha uma dupla vitória, construída sobre a sua dominadora ponta final; nos 3.000 m. ganhou a Álvaro Conde cerca de vinte metros nos últimos duzentos e cinquenta e no quilómetro conseguiu ultrapassar Pena da Silva, que vinha destacado meia dúzia de metros e conduziu a sua prova com autoridade.

Pena da Silva é outro bom exemplo do corredor descontractado, mas

pareceu-nos ainda frágil para a distância; deve fazer boa figura nos 800 metros.

Na corrida de barreiras, uma vez eliminado Ricardo Durão por duas partidas antecipadas, a vitória só podia ser de Natal Santos; esperamos com interesse a participação destes dois rapazes nas provas de 110 metros, onde não devem andar longe dos melhores.

No capítulo dos saltos não houve novidades a registar; no triplo-salto verificou-se que a maioria dos concorrentes falhava na corrida preparatória e com frequência fraquejavam da perna de impulsão para o terceiro salto.

São de registar as distâncias alcançadas em comprimento por Dores e Ramos, mas ambos precisam de adquirir peso, para progredirem em relação às suas possibilidades.

Nos concursos de lançamento, o resultado dominante foi o de Nuno Barros com o peso, atingindo 15^m,27, novo recorde nacional. Vai ser mais um candidato sério nas provas de seniores.

Também Jorge Matos progrediu no dardo, ultrapassando pela primeira vez a marca dos cinquenta metros; de todos os concorrentes foi o único a tomar corrida prévia suficiente e a ligá-la convenientemente ao gesto final de projecção.

Salazar Carreira



O S. L. Benfica ganhou mais um campeonato: — o de hóquei em campo

O ANIVERSARIO DO ESTARREJA



O C. D. de Estarreja comemora actualmente o aniversário da sua fundação. No primeiro dia de festa, jogou contra o Estarreja o considerado grupo da Associação Académica de Coimbra, vencedor por 4-1, cujos grupos apertados, e outras provas de importância devem ainda efectuar-se na progressiva vila do distrito de Aveiro. Quando a Académica se exhiba em Estarreja, foi descerada na sede do clube festejado a fotografia de Tavares da Silva, nosso querido chefe da Redacção, que foi também fartamente aplaudido pelos seus conterrâneos ao proferir uma notável conferência



A 1.ª categoria do Vasco da Gama, do Porto, ganhou brilhantemente o título de campeão de basquetebol. No 1.º plano, da esquerda: — M. Machado, M. Guilherme, Dias Leite, Santos Pereira, Valentim e Hermínio. No segundo — Joaquim Nogueira, Amadeu, «Pima», Luciano, Alexandre e César. Ao lado, Alves Teixeira, presidente do clube, nosso distinto camarada de Imprensa e colaborador da «Stadium»



Os percursoros do futebol português foram homenageados pelo Glorioso Clube. O nosso fotógrafo pôde reuni-los num grupo que Stadium reproduz com a melhor satisfação. O nome dos simpáticos desportistas: Frederico Hopffer, Comandante Carlos Vilar, Ernesto da Fonseca, Luis Viana, João Aranha, Carlos Fernandes e Leopoldo Oliveira.



PNEUS
E
CÂMARAS DE AR

MABOR

Produção da
MANUFATURA NACIONAL
DE BORRACHA

